

# Detur despeja moradores do *Camping*

Os moradores do *Camping* de Brasília têm quatro dias para desmontar as barracas e desocupar o local. É que começa na próxima terça-feira, dia 1º de junho, a reforma das instalações e recuperação da infraestrutura, principalmente abastecimento de água, sistema de esgotos e rede elétrica. A Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa vai hoje de manhã ao *camping* e depois terá audiência com a diretora do Departamento de Turismo, Maria Eulália Franco, com o objetivo de encontrar uma solução para o problema. Noventa por cento das pessoas não sabe para onde ir, num caso de despejo.

Reflexo da crise econômica e da escassez de imóveis para alugar, atualmente, 63 pessoas estão instaladas no *camping*, alguma delas há cerca de três anos. Apesar da precariedade — só existem no local três sanitários femininos e três masculinos — as pessoas acabaram encontrando no *camping* uma opção de moradia. Lá estão montadas verdadeiras casas, com direito à televisão, geladeira e pequenos eletrodomésticos. Entre os campistas, as profissões são variadas e vão desde desempregados até vendedores e funcionários públicos.

Segundo Jesus Trifoni, um dos campistas mais antigos, com três anos de residência fixa, a questão da desocupação do local deve ser ponderada, afinal “representamos famílias de trabalhadores que não podem ser jogados na rua”, comenta. Vendedor de livros, ele conta que veio de Ribeirão Preto (SP) com a família, mas não teve condições de manter todos na cidade. “Estou aqui sozinho e sei que, com os preços dos aluguéis, vai ser impossível me manter”, explica. Há mais de dois anos, Jesus e os demais campistas pagam por dia no *camping* Cr\$ 380,00 para cada membro da família.

Preocupado com o destino das pessoas, ele questiona a necessidade de desocupação total do *camping*. “Eles já haviam ameaçado outras vezes, mas nunca chegaram ao ponto de colocar uma placa na entrada avisando que dia 1º a área deverá ser liberada”, comenta. Uma das propostas dele e dos vizinhos é a negociação de um prazo maior para a mudança e sugere, no mínimo, seis meses. Trifoni lembra que todo inquilino tem direito a um período para deixar o imóvel e que, no caso deles, a questão deve ser tratada da mesma forma.

**Perspectiva** — Na barraca ao lado, mora Sandra Regina de Assis com o marido e três filhos, todos menores de dez anos. Natural também de Ribeirão Preto (SP), está em Brasília há três anos e sempre morou no *camping*. “Sequer consigo imaginar para onde poderemos ir”, diz desanimada. Sandra acredita que seria justa uma correção do valor da diária. “Até Cr\$ 50 mil por dia daria para pagar e justificaria a utilização da infraestrutura.”

Os campistas reclamam muito da imagem que se formou a respeito deles na cidade e se indignam com o rótulo de “favela de elite” e com as acusações de ter carro novo e imóveis em Brasília, que estariam alugados, rendendo salários mensais. “Já nos chamaram de miniempresários, o que, aliás, eu gostaria mesmo de ser”, ironiza Jesus Trifoni.

**Administração** — Segundo o administrador Antônio Cunha, há 17 anos responsável pelo *Camping* de Brasília, ao contrário do que alegam os campistas, antes da placa de desocupação ser posta na entrada já haviam sido avisados sobre a reforma do local. Ele mostra um requerimento datado de 19 de março último solicitando urgência nos reparos da rede de abastecimento de água e diz que não é mais possível ignorar tamanho desperdício.

Cunha lembra que, além dos sérios problemas na caixa d'água, são constantes os entupimentos no sistema de escoamento que, com a reforma, passará a ser com tubos de PVC. Sua preocupação é com a proximidade do mês de férias e com o XV Congresso Nacional de Jovens Batistas, marcado para acontecer em Brasília entre os dias 19 e 24 de julho. “Nesta época, certamente, vamos receber muita gente, mas sem infraestrutura será impossível”, conclui.

PAOLA ANTONY



Os sessenta e três moradores do *Camping* vivem em barracas que possuem aparelhos de TV e outros eletrodomésticos, mas dividem três banheiros femininos e três masculinos

## Deputado tenta negociar impasse

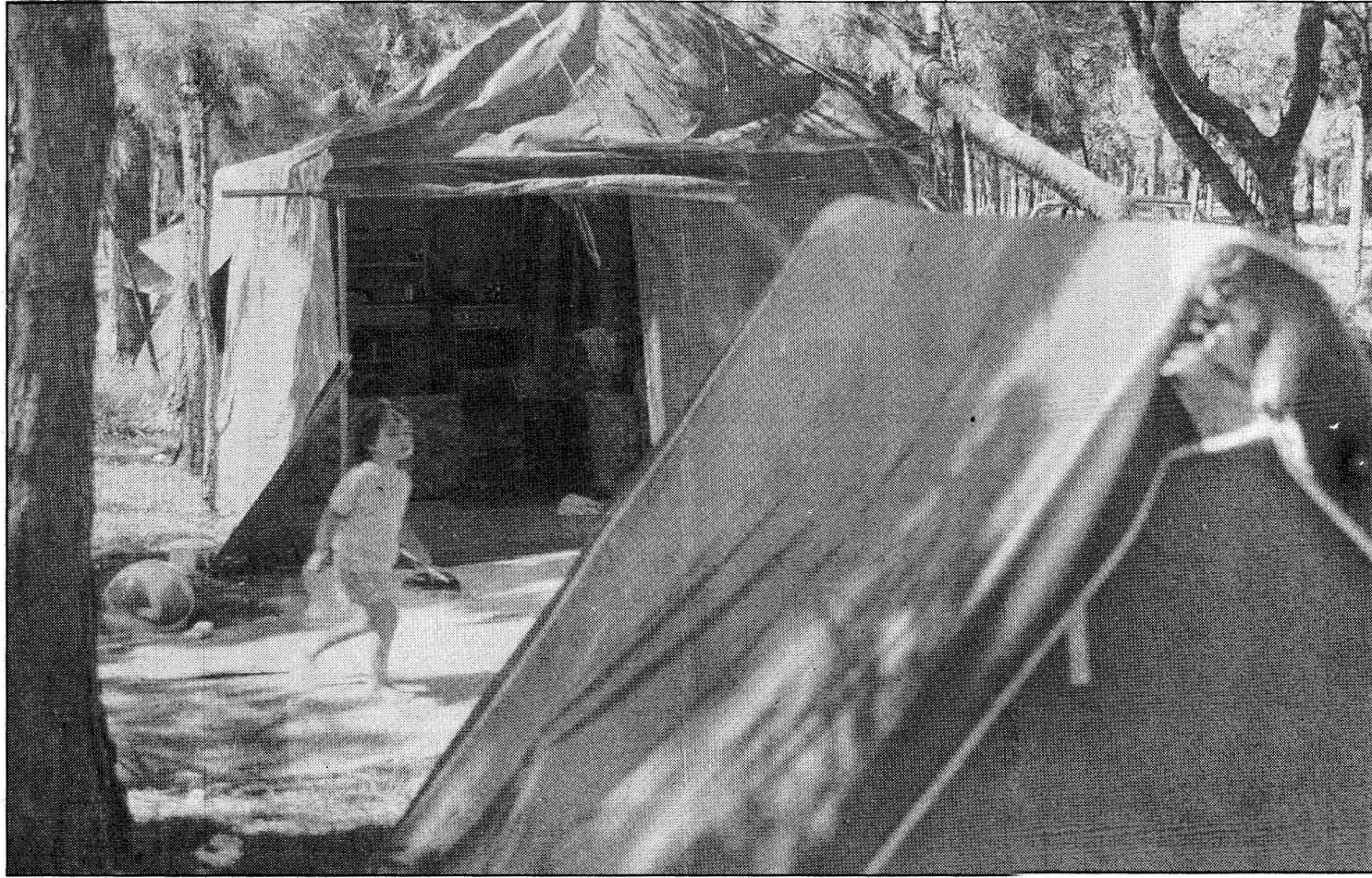
O deputado Agnelo Queiroz, (PC do B), representante da Comissão de Direitos Humanos, disse ontem que vai tentar intermediar a questão de desocupação do *camping* de Brasília. Após a visita ao local, onde conversará com os campistas, ele e demais membros da comissão terão encontro com a diretora do Departamento de Turismo, Maria Eulália Franco. “Não vou me precipitar tirando conclusões, antes de ouvir as partes”, ressalta o parlamentar.

Na quarta-feira, um grupo de moradores do *camping* procurou o gabinete do deputado para pedir apoio e apresentou abaixo-assinado com os nomes das pessoas que estão na mesma situação, sem ter para onde ir num caso de despejo. O campista Gilberto Reichelt, que organizou a manifestação, acusou a direção do Detur de não ter recebido uma comissão de moradores para conversar, daí a iniciativa de procurar a Câmara Legislativa. Para ele, não há justificativa para a desocupação. Na opinião dos campistas, a intenção do órgão é expulsar as pessoas do local.

Para alguns, que preferiram não se identificar, ultimamente as atenções têm sido muitas para a comunidade do *camping*. “A imprensa tem vindo muito aqui e deve ser por isso que querem nos tirar”, alega um deles. Para Agnelo Queiroz, o que está em pauta não é a questão da moradia, mas uma negociação “civilizada” — como definiu — sobre a retirada das famílias. Ele lembra que no local existem mulheres e crianças, que não devem ser expostas a resoluções repentinas. O parlamentar garante que os campistas estão dispostos a sair, mas querem mais tempo.

**Exército** — O vendedor de livros, Jesus Trifoni, no entanto, disse ontem que para retirar todas as famílias do *camping* não será muito fácil. “Eu pelo menos só saio depois que o último sair”, frisou. “Não pretendemos complicar a situação, mas é preciso que entendam nosso ponto de vista. Acho que o Exército vai ter que vir aqui para nos tirar”, brincou. Tanto ele quanto sua vizinha, Sandra Regina, sugerem uma alternativa imediata para o problema, ao invés da exigência da desocupação.

PAOLA ANTONY



Os campistas alegam que são vítimas da crise e não têm onde morar e querem negociar uma solução com o Departamento de Turismo